

# Sir Paul McCartney

## *A maturidade na sua plenitude*



DR. PAULO ROBERTO CRUZ MARQUETTI

**N**ão é por acaso que escolhi deixar esta biografia para fechar a tetralogia sobre os *fab four*, iniciada no número 39 da nossa revista.

Pretendo demonstrar que a trajetória de vida de Paul McCartney é um excelente exemplo de uma vida bem trilhada, chegando à sua plenitude aos 81 anos, ainda com vitalidade para encarar um novo tour mundial, com apresentação em Curitiba aguardada para 13 de dezembro de 2023.

Sir James Paul McCartney, CH MBE, nasceu em 18 de junho de 1942 no Walton Hospital, em Liverpool, enquanto a cidade ainda estava se reconstruindo após os intensos bombardeios da Luftwaffe na Segunda Guerra Mundial. Sua mãe, Mary Patricia, havia se

qualificado para trabalhar como enfermeira naquele hospital. Teve um irmão mais novo, Peter Michael, e uma irmã adotiva, Ruth, filha do primeiro casamento da segunda esposa do seu pai, também mais nova que ele. Seus pais tinham vindo das camadas inferiores da classe trabalhadora, mas conseguiram evoluir socialmente em suas vidas.

Antes da guerra, seu pai, Jim, havia trabalhado no comércio de algodão, na A. Hannay and Co., e passou a trabalhar na indústria Napier, na Brigada de Incêndio à noite, quando a Hannay foi fechada.

Após a guerra, Jim voltou ao comércio de algodão, porém com um salário menor, enquanto Mary, como parteira em atendimento domiciliar, tinha um ganho melhor.

Paul menino e com George e John tocando em Liverpool, em 1958. Com a banda The Quarrymen, em julho e outubro de 1957. E o brasão conferido pelo English College of Arms.



Em 1953, estudando na Joseph Williams Junior School, em Belle Vale, Paul foi um dos três alunos aprovados (de uma turma de 90) no Exame 11-Plus, o que permitiu que fosse estudar no Liverpool Institute, uma escola de melhor nível que a anterior, o que o fez ir de ônibus de seu bairro suburbano, Speke, para a aula todos os dias. Esta menção é importante porque nesse trajeto ele conheceu e se tornou amigo de outro aluno, chamado George Harrison. Como George era um ano mais novo, Paul mais tarde admitiria que sempre assumia um ar de superioridade quando conversava com ele.

Com a melhor renda de sua mãe, nessa época a família McCartney mudou-se para o número 20 da Forthlin Road, em Allerton, onde morou até 1964. Mary saía de casa de bicicleta às 3 horas da madrugada para atender suas pacientes. Em 31 de outubro de 1956, quando Paul tinha 14 anos, Mary morreu devido a uma embolia, após ser operada de um câncer de mama. Isto fortaleceu a amizade de Paul com outro colega, John Lennon, cuja mãe, Julia, tinha morrido em 1958, quando John tinha 17 anos.

Cabe ressaltar aqui que Jim, seu pai, tocava trompete e piano e nos anos 20 tinha uma banda, a Jim Mac's Jazz Band, e mantinha um piano vertical na sala de casa, sempre encorajando seus filhos a aprenderem a tocar. Mesmo com seu pai o encorajando a ter lições de piano, Paul sempre preferiu tocar de ouvido. Aos 11 anos, teve uma audição para o Coro da Catedral de Liverpool, mas não foi aceito. Juntou-se então ao Coro da St. Barnabas' Church. No seu aniversário de 14 anos, ganhou do pai um trompete, mas preferiu negociá-lo por 15 libras em troca por um violão Zenith, pois assim poderia cantar enquanto tocasse. Percebendo que tinha dificuldade de tocar por ser canhoto, inverteu as cordas após ver um poster de uma apresentação de Slim Whitman, que também era canhoto. Escreveu sua primeira canção, *I Lost My Little Girl*, com o violão Zenith, além de outra que se tornaria *When I'm Sixty-Four* após ser transcrita para piano.

Aos 15 anos, em uma quermesse na St. Peter's Church, em Woolton, no dia 6 de julho de 1957, encontrou John Lennon e sua banda, The Quarrymen, que se apresentava em cima de um caminhão. E come-





teu a ousadia de afirmar que John tinha errado uma nota quando tocava *Twenty Flight Rock*, sendo então desafiado por John a mostrar como era a nota certa. Poucos dias após, foi convidado por John a integrar a banda como guitarra rítmica. Em 1958, George Harrison (o colega mais novo do ônibus, lembrem-se?) entrou como guitarrista solo, seguido por um colega de John da Escola de Arte, Stuart Sutcliffe, que assumiu o baixo. Em maio de 1960, a banda já tinha tido vários nomes, como Johnny and the Moondogs, Beatals e The Silver Beatles. Nessa ocasião, inspirado pela banda de Buddy Holly, The Crickets (*Os Grilos*), John escolheu o nome The Beatles, que juntava Beat (ritmo) com Beetles (besouros), algo como “Os Besouros do Ritmo”, em uma tradução capenga. Para completar a banda, entrou Pete Best para assumir a bateria.

De 1960 a 1970, temos a história que todos conhecem. A banda viajou para Hamburgo, onde aprendeu como fazer para cativar a atenção de estivadores bêbados e prostitutas na zona portuária, mesmo não falando sua língua, e gravou um disco como banda de apoio de Tony Sheridan, agora creditados no compacto como *The Beat Brothers*. De volta a Liverpool, um rapaz foi à loja de Brian Epstein e pediu o compacto *My Bonnie*, que ele não tinha. Foi pesquisar e descobriu que eles tocavam no horário de almoço no The Cavern, um porão onde antes se armazenavam hortaliças, sem uma única janela, e agora uma casa de shows onde o vapor da transpiração da plateia se condensava e provocava curto-circuitos que interrompiam o show.

Ao ver a banda, Brian comentou que eles tinham uma vitalidade impressionante ao se apresentarem, além de terem uma boa pronúncia de inglês para uma banda alemã. Decidiu se oferecer para empresariá-los, e lhes conseguiu um teste na EMI, onde o produtor, George Martin, os convenceu já na gravação do primeiro compacto, *Love Me Do*, a demitirem Pete Best e chamarem um baterista que eles já haviam conhecido na Alemanha, chamado Ringo Starr... E o resto é história.

Os Beatles tornaram-se a banda de maior sucesso da música popular, sendo os pioneiros em uma série de inovações na indústria fonográfica, como o uso de um quarteto de cordas em *Yesterday*, feedback (acidental) em *I Feel Fine*, o pioneirismo nos clips musicais com *Paperback Writer* e *Rain*, capa dupla e letras incluídas na capa do álbum *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band*, considerado o primeiro álbum de rock progressivo da história. Em 1967, foram à Índia meditar com o Maharishi Mahesh Yogi, e trouxeram a influência da música indiana, especialmente George.

Após a morte de Brian Epstein, em agosto de 1967, as relações entre eles começaram a se deteriorar. Paul conheceu sua primeira esposa, a fotógrafa Linda Eastman, e eles se casaram em março de 1969. Em agosto nasceu sua primeira filha, Mary, assim chamada em homenagem à sua mãe.

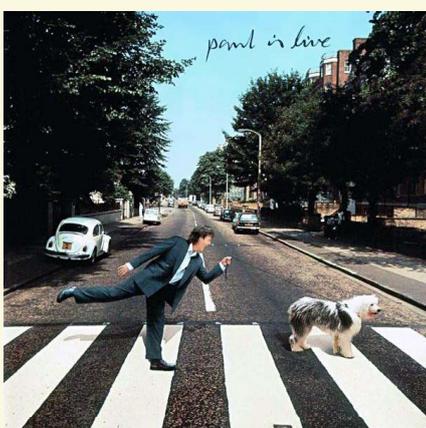
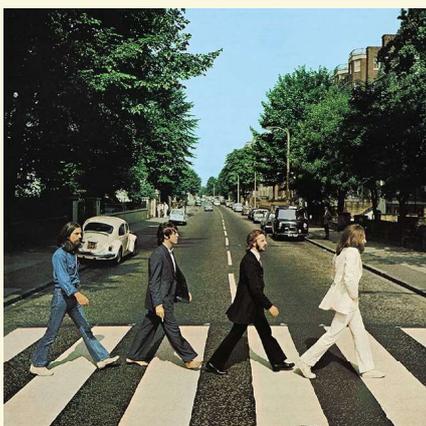
#### A FAKE DA MORTE

Em 17 de setembro de 1969, Tim Harper, editor de um jornal universitário de Des Moines, Iowa, publicou um artigo que citava evidências que sugeriam que Paul teria morrido em um acidente na Rodovia M1 em 7 de janeiro. Talvez tenha sido este o precursor das teorias conspiratórias e *fake news* hoje tão disseminadas. Essas “evidências” afirmavam que os Beatles foram persuadidos pelo MI5 a utilizar um sócio, que por isso aparece de costas na capa posterior do *Sgt. Pepper*.

Na capa da frente, alguém coloca a mão aberta sobre a cabeça de Paul (isto se repetiria mais tarde na capa de *Yellow Submarine*), o que no simbolismo indiano tem a ver com a morte. Ainda, na capa do *Sgt. Pepper*, o baixo de flores pode ser lido como “Paul?”, sendo então uma coroa, e na foto interna da capa, o uniforme usado por Paul tem no ombro um aplique com as letras O.P.D. o que significaria *Officially Pronounced Dead* (declarado oficialmente morto).

Já na capa do álbum *Abbey Road*, os quatro Beatles atravessando a rua na famosa faixa, representariam um cortejo fúnebre, com John, de branco, como o padre; Ringo, de paletó, o agente funerário; Paul, descalço (como são enterradas as pessoas na Inglaterra) e com o passo trocado, o morto; e George, de jeans, o coveiro. Além disso, o fusca branco ao fundo tem a placa LMW28IF, o que significaria Linda McCartney Chora (*Linda McCartney Weeps*) e que Paul teria 28 anos se não tivesse morrido...

Haja imaginação! Tudo isto gerou um livro (que eu consegui encontrar) chamado *Turn Me On Dead Man*, e gerou também uma brincadeira do Paul, que foi fotografado na mesma faixa da *Abbey Road*, com a sua Martha, para a capa do álbum de 1993, *Paul Is Live* (“Paul Está Vivo”). Talvez isto tudo tenha sido a maior *fake news* da história.



O fato é que a banda estava se desmantelando e, em setembro de 1969, Lennon deixou a banda reservadamente, concordando em não divulgar isso para não comprometer os negócios. Em 10 de abril de 1970, Paul anunciou que estava deixando a banda, o que enfureceu Lennon por ter Paul quebrado o pacto de silêncio a respeito. A dissolução judicial da banda foi formalizada em 31 de dezembro de 1970.

### A DEPRESSÃO E AMOR PELA MÚSICA

Entre 1969 e 1970, Paul enfrentou um período de depressão, no qual compôs *Maybe I'm Amazed*, onde reconhecia o imenso apoio que recebeu de Linda. Ainda em 1970, lançou seu primeiro álbum solo, *McCartney*, no qual tocou todos os instrumentos e cantou todos os vocais, exceto por algumas contribuições vocais de Linda, que chegou ao topo das paradas. Sem dúvida, um ótimo recomeço. Seguiu-se-lhe *Ram*, que também chegou aos primeiros lugares, com a belíssima *Uncle Albert/Admiral Halsey*. Formou então a banda Wings, em 1971, com o ex-guitarrista dos Moody Blues, Denny Laine, o baterista Denny Seiwell e Linda nos teclados. Nessa ocasião, chegou a considerar parar de fazer músicas, dada a dificuldade de alguma banda se igualar aos Beatles, mas o amor pela música o fez se-

guir em frente. Na época nasceu sua segunda filha, Stella, assim chamada em homenagem às duas avós de Linda.

Acrescido do guitarrista Henry McCullough, a Wings começou seu primeiro tour em 1972, em Nottingham, com um público de 700 pessoas na primeira apresentação. Outras 10 apresentações em universidades, sem divulgação prévia, com a banda viajando em vans e recebendo pagamento em moedas coletadas dos estudantes. Nessas apresentações evitou cantar músicas dos Beatles, para fugir de comparações pela imprensa. Sentindo-se mais seguros, partiram em um tour pela Europa, com 25 apresentações para públicos de até 3.000 pessoas, por decisão própria de evitar grandes plateias.

Em março de 1973, o compacto *My Love* foi o primeiro a chegar ao topo nas paradas. Na mesma época lançou a música *Live and Let Die*, tema do filme do mesmo nome de James Bond, que acabou sendo indicada a concorrer ao Oscar e rendeu um Grammy a George Martin pelo arranjo orquestral.

Em 1973, após a saída de McCullough e Seiwell, Paul, Linda e Laine lançaram o álbum *Band on the Run*, o primeiro de sete álbuns do Wings a chegarem a Platina, e que ficou 124 semanas no topo das paradas britânicas, além de lhes render um Grammy de melhor canção e um de melhor engenharia de gravação a Geoff Emerick. Também entrou para a lista dos 500 melhores álbuns de todos os tempos pela Rolling Stone.

Em 1975, *Venus and Mars* e, em 1976, *Wings at the Speed of Sound* levaram a um tour mundial, em que voltaram a executar músicas dos Beatles. Este tour levou ao álbum triplo *Wings Over America*. Em setembro de 1977 nasceu James, o terceiro filho do casal. Em novembro, o compacto *Mull of Kintyre* tornou-se um dos singles mais vendidos da história no Reino Unido, com o dobro de vendas do compacto *She Loves You*, recordista anterior.



Depois vieram *London Town* (1978) e *Back to The Egg* (1979), este com participação de convidados ilustres, como Pete Townshend, David Gilmour, Gary Brooker, John Paul Jones e John Bonham, entre outros, em um supergrupo chamado de Rockestra, e que também chegou a platina. Depois veio *McCartney II* (1980), seu segundo projeto solo. Em 1981, McCartney considerou atingidos seus objetivos e extinguiu a banda Wings.

De 1982 a 1990 houve várias colaborações, com Stevie Wonder em *Ebony and Ivory*, no álbum *Tug of War*, de 1982, e Michael Jackson em *The Girl Is Mine*, bem como em *Say Say Say* em 1983. Em 1983 saiu o álbum *Pipes of Peace*, que também chegou ao topo das paradas.

Em 1984, David Gilmour participou em *No More Lonely Nights*, no álbum *Give My Regards to Broad Street*, também um filme que não foi bem recebido pelos críticos, mas o álbum também chegou ao primeiro lugar. Em 1986, *Press to Play* trouxe Eric Stewart como coautor na metade das faixas. Em 1988 sairia *CHOBA B CCCP* (“Back in the USSR”, em russo), com covers do Rock clássico, lançado inicialmente somente na Rússia; e, em 1989, *Flowers in the Dirt*, desta vez com Elvis Costello, Nicky Hopkins e novamente David Gilmour.

#### MARACANÃ LOTADO E NOVOS SUCESSOS

Em 1989, começou a Paul McCartney World Tour, na qual, em 21 de abril de 1990, apresentou-se no Estádio do Maracanã para 184.000 pessoas, a maior audiência paga em estádio da história, lançando no mesmo ano o álbum triplo *Tripping the Live Fantastic* com apresentações dessa turnê.

Em 1991, a Royal Liverpool Philharmonic Society, para celebrar seus 150 anos, comissionou-o para o que seria sua primeira composição orquestral, para a qual convidou o maestro Carl Davis – e ambos compuseram o magnífico *Liverpool Oratorio*, cuja estreia mundial, em Londres, foi gravada em CD e DVD, com a Royal Liverpool Philharmonic Orchestra e o Coro da Catedral de Liverpool.

Ante à rejeição dos críticos do The Guardian, ele respondeu que a história mostra que muitas boas peças musicais não agradaram aos críticos da época, e que estava feliz em submeter os seus méritos ao julgamento do público. Este respondeu a ele levando a gravação ao primeiro lugar nas listas da Music Week, especializada em música clássica.

Ainda em 1991, apresentou-se no MTV Unplugged, com estas versões acústicas sendo lançadas no álbum homônimo e, em 1993, com o músico Youth, do Killing Joke, o duo, de nome The Fireman, lançou o álbum *Strawberries Oceans Ships Forest*, sua primeira obra de experimentalismo eletrônico. O ano de 1993 nos daria ainda mais dois lançamentos: o *Off The Ground*, em que volta ao rock, e o

*Paul Is Live*, gravado em sua New World Tour, em cuja capa ironiza os boatos de 1969 sobre sua suposta morte.

Em 1994 começa uma pausa de quatro anos em sua carreira solo para trabalhar no projeto *Beatles Anthology* com George Harrison, Ringo Starr e George Martin. E, em 1995, traz uma série de apresentações em rádio na Westwood One, intitulada *Oobu Joobu*.

Também em 1995, foi agraciado com um Fellowship honorário do Royal College of Music, outorgado pelo Príncipe Charles, e comentou ser isso “espantoso para alguém que não sabe ler uma nota musical”.

Em 1997, lança o álbum *Flaming Pie*, em que Ringo Starr volta à bateria e vocais na faixa *Beautiful night*, e o segundo álbum clássico *Standing Stone*, que também alcança o primeiro lugar nas paradas americana e inglesa de música erudita. Em 1998, sai o *Rushes*, do The Fireman, e em 1999 sai o álbum *Run Devil Run*, desta vez tendo como colaboradores David Gilmour e Ian Paice. Esta gravação consistiu basicamente de covers, com apenas três composições suas, e ele a gravou por sugestão de sua esposa Linda, que morreu em abril de 1998 devido a um câncer. Ainda em 1999, ele participa do tributo *Concert for Linda*, no Royal Albert Hall, em 10 de abril. Volta nesse mesmo ano à música orquestral com o álbum *Working Classical*.

HOJE, AOS 81 ANOS, AINDA TEM ENERGIA E ENTUSIASMO COMO SE ESTIVESSE COMEÇANDO A CARREIRA. SUPEROU DIFICULDADES, COMO O DESMORONAMENTO DA BANDA QUE HAVIA CRIADO, O ENVOLVIMENTO COM DROGAS, A RECONSTRUÇÃO DA CARREIRA LOGO APÓS A DISSOLUÇÃO DOS BEATLES, A PERDA DA ESPOSA APÓS 29 ANOS DE CASAMENTO, O FRACASSO DO SEGUNDO CASAMENTO, E CHEGA AO MOMENTO ATUAL, A MEU VER, COMO UM GRANDE, SE NÃO O MAIOR, EXEMPLO DE UMA “MATURIDADE” BEM RESOLVIDA.

Em 2000, novamente em parceria com Youth e mais o Super Furry Animals, lança *Liverpool Sound Collage*, com colagens e técnicas de experimentalismo da música concreta que o atraía desde os anos 60, e contribui com a faixa intitulada *Nova*, para o tributo de música coral *A Garland for Linda*, dedicado à sua esposa.

Após os ataques de 11 de setembro de 2001, que presenciou do aeroporto JFK, assume papel de liderança na organização do *The Concert for New York City*, para o qual contribui com a música *Freedom*, depois incluída no álbum *Driving Rain*, lançado em novembro. Em abril de 2002, começa a *Driving World Tour*, com sua banda em nova formação, que viria a ser a mais duradoura, superando os Beatles e a Wings, e essa turnê dará origem ao álbum duplo *Back in the World*.

Em 2001, o English College of Arms o homenageia com a outorga de seu Brasão, que inclui o Liver Bird, o pássaro-símbolo de Liverpool segurando um violão, quatro emblemas curvos simbolizando os Beatles, e traz o “motto” *Ecce Cor Meum*, que significa “Contemple Meu Coração”.

Em julho de 2002, Paul se casa com Heather Mills, uma ex-modelo que militava em causas humanitárias. Em novembro, no primeiro aniversário da morte de George Harrison, participa do *Concert for George*, e dos shows do Superbowl em 2002 e 2005.

Em julho de 2005, participa do concerto beneficente *Live 8 no Hyde Park*, em Londres, e em setembro lança o álbum *Chaos and Creation in the Backyard*, onde toca a maioria dos instrumentos.

Em 2006, publica o livro infantil *High in the Clouds* e lança o álbum clássico *Ecce Cor Meum*, seguido do álbum de rock *Memory Almost Full* (em 2007) e do terceiro álbum do The Fireman, *Electric Arguments*. Em 2009, retoma as turnês, com mais de 80 apresentações. Nesse mesmo ano, a EMI lança toda a discografia dos Beatles após uma remasterização digital que durou quatro anos, além do videogame *The Beatles: Rock Band*. Também em 2009 sai o álbum duplo ao vivo *Good Evening New York City*, com suas apresentações no Citi Field, recém-construído onde era o Shea Stadium, em Queens.

A partir de 2010, apresenta-se em vários concertos, em uma verdadeira maratona, conforme referiu o New York Times.

Em setembro de 2011, agora na Decca Records, que havia rejeitado os Beatles em 1962, lança *Ocean's Kingdom*, uma música orquestral para dança em parceria com Peter Martins, comissionada pelo New York City Ballet.



### NOVO CASAMENTO E VIDA INTENSA

Em 2011, um novo casamento, com Nancy Shevell (foto), e em 2012, o lançamento em fevereiro de *Kisses on the Bottom*, um belíssimo álbum de standards do jazz americano, reportando-nos à influência de seu pai, no mesmo mês em que a National Academy of Recording Arts and Sciences o nomeia como *MusiCares Person of the Year*. Em junho de 2012, encerrou o *Queen Elizabeth's Diamond Jubilee Concert* no Buckingham Palace, e encerrou a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, com a remuneração simbólica de uma libra.

Em agosto de 2013, lança o álbum *New*, e em 27 de janeiro de 2014 ele e Ringo revivem 22 sucessos dos *fab four* junto com outros artistas no Ed Sullivan Theater. Em 2014, faz o último concerto no Candlestick Park, em São Francisco, antes da sua demolição, no mesmo local onde os Beatles haviam feito seu último concerto em 1966. Em 2015, grava *Four Five Seconds* com Rihanna e *Only One* com Kanye West, e divide os vocais com Alice Cooper no cover da sua *Come and Get It* pela banda Hollywood Vampires. Em junho de 2016 sai a coleção *Pure McCartney*, com 67 canções de sua carreira solo e parcerias em dois CDs, quatro CDs e quatro LPs, além da versão digital.

Em junho de 2017, firma um acordo com a Sony/ATV Music Publishing, recuperando os direitos autorais sobre suas composições.

Em julho de 2018, volta a se apresentar no Cavern Club, e em setembro lança o álbum *Egypt Station*, que entrou nas paradas da Billboard já no primeiro lugar.

Em 18 de dezembro de 2020 é lançado o seu 18º álbum solo, gravado em seu estúdio doméstico durante a pandemia da Covid, novamente tocando todos os instrumentos, e que também chegou ao topo das paradas.

"E, no fundo, o amor que você dá  
é o amor que quer receber".

Em novembro de 2021 é lançado o livro *The Lyrics: 1956 to the Present*, aclamado como “Livro do Ano” pela Barnes & Noble e pela Waterstones. De abril a junho de 2022 uma nova turnê americana, encerrada no Glastonbury Festival em 25 de junho, um mês após seu octagésimo aniversário, e encerrou o ano recebendo o Grammy Awards pela produção do documentário *The Beatles: Get Back*.

Em 2023, publicou o livro *1964: Eyes of the Storm*, com fotos inéditas tiradas por ele no auge da beatlemania.

Agora, em dezembro de 2023, aguardemos a sua aparição por aqui como parte da turnê *Got Back*.

Então, meus amigos, esta é a trajetória de vida do nosso biografado. Sei que os cansei com esta narrativa, mas falei apenas da sua carreira solo na maior parte deste texto. Omiti seu envolvimento em várias causas, como o vegetarianismo, direitos dos animais, alteração genética dos alimentos, minas terrestres, caça às focas, combate à pobreza, ajuda ao Camboja, ajuda a Burma, antifraturamento hidráulico, exploração do óleo no Ártico, caça à raposa, banimento dos mercados chineses, crimes ecológicos, entre outras...

Seu sucesso o levou a ser introduzido no *Rock and Roll Hall of Fame 1968*, com os Beatles, e em 1999, como artista solo. Em 1979, o Guinness Book of Records o reconheceu como o mais premiado compositor e performer da música, com 60 discos de ouro (43 com os Beatles, 17 com o Wings), mais de 100 milhões de compactos e 100 milhões de álbuns, e o mais exitoso compositor. Em 2009, foi novamente reconhecido como o compositor de maior sucesso, com 188 gravações nas paradas do Reino Unido, sendo 91 nas top 10 e 33 como número 1. Também teve 32 compactos entre as 100 melhores da Billboard, seja com os Beatles, Wings, solo e em parcerias. Sua canção *Yesterday* é a música mais gravada em covers da história, com mais de 2.200 versões.

E os prêmios? Foram 18 Grammys, duas introduções ao Rock and Roll Hall of Fame, MBE (1965) e Cavaleiro do Império Britânico (1997), Doutor Honorário das Universidades de Sussex (1988) e Yale (2008), BRIT Award (2008), Academy Award (1971), Gershwin Prize (2010), Kennedy Center Honor (2010), Légion D'Honneur (2012), MusiCares

Person of the Year (2012), e Member of the Order of the Companions of Honour (CH) (2017)... Até mesmo um asteroide leva o seu nome (4148 McCartney, 2015).

Suas gravações totalizam 19 álbuns solo, sete com o Wings, três com The Fireman, cinco em remixagens e miscelânea e cinco gravações eruditas.

É todo um círculo da vida que transitou por rock'n'roll adolescente e ingênuo, experimentalismo e psicodelia, musique concrète, música eletrônica, Jazz e standards, música erudita instrumental e coral, música para ballet, incursões literárias... Há até quem considere que *Helter Skelter* foi a primeira gravação Heavy Metal da história.

Além disso, apareceu em 39 filmes, no papel dele mesmo na maioria deles. Teve 24 aparições na televisão, cinco turnês com a Wings e 18 turnês solo.

Hoje, aos 81 anos, ainda tem energia e entusiasmo como se estivesse começando a carreira. Superou dificuldades, como o desmoronamento da banda que havia criado, o envolvimento com drogas, a reconstrução da carreira logo após a dissolução dos Beatles, a perda da esposa após 29 anos de casamento, o fracasso do segundo casamento, e chega ao momento atual, a meu ver, como um grande, se não o maior, exemplo de uma “Maturidade” bem resolvida. **📌**



#### LEITURAS SUGERIDAS

1. The Beatles – **Antologia** – Cosac & Naify, São Paulo, 2001.
2. Philip Norman – **Paul McCartney – A Biografia** – Companhia das Letras, São Paulo – 2017.
3. Hunter Davies – **The Beatles** – Editora Best Seller, São Paulo – 2015
4. Carlin Ames – **Paul McCartney – Uma Vida** – Harper Collins, São Paulo – 2011.
5. Andru J. Reeve – **Turn Me On, Dead Man: The Beatles and the Paul Is Dead Hoax** – Authorhouse, London – 2004.